



III Mostra de Pesquisa
da Pós-Graduação
PUCRS

Ódio.org.br

**Rastreamento e caracterização de movimentos de ódio na Internet
em Português**

César Steffen,

Jacques A. Wainberg (orientador)

Programa De Pós-Graduação em Comunicação, FAMECOS PUCRS,

Resumo

A Internet é palco profícuo para movimentos políticos periféricos manifestarem e propagarem suas ideologias. Dos zapatistas mexicanos aos movimentos antiglobalização passando por redes terroristas como a Al-Qaeda, a ausência de fronteiras facilita circulação e manifestação das mais variadas idéias e ideologias. E o ódio tira proveito destas facilidades. O anti-semitismo nazista, a homofobia, a xenofobia contra culturas e povos se apresenta nas mais diversas línguas e com os mais variados focos. Por isso, neste trabalho focamos em identificar como os movimentos de ódio em língua portuguesa se organizam e aproveitam do potencial da Internet para circular seus ideais e conquistar adeptos.

1. Introdução

53 E cada um voltou para a sua casa.

1 Jesus no entanto se retirou para o Monte das Oliveiras.

2 De madrugada, voltou de novo ao Templo. Todo o povo se reuniu em volta dele. Sentando-se, começou a ensiná-los.

3 Entretanto, os mestre da Lei e os fariseus trouxeram uma mulher surpreendida em adultério. Colocando-a no meio deles,

4 disseram a Jesus: “Mestre, esta mulher foi surpreendida em flagrante adultério.

5 Moisés na Lei mandou apedrejar tais mulheres. Que dizes tu?”

6 Perguntavam isso para experimentar Jesus e para terem motivo de o acusar. Mas Jesus, inclinando-se, começou a escrever com o dedo no chão.

7 Como persistissem em interrogá-lo, Jesus ergueu-se e disse: “Quem dentre vós não tiver pecado, seja o primeiro a atirar-lhe uma pedra”.

8 E tornando a inclinar-se, continuou a escrever no chão.

9 E eles, ouvindo o que Jesus falou, foram saindo um a um, a começar pelos mais velhos; e Jesus ficou sozinho, com a mulher que estava lá, no meio do povo.

10Então Jesus se levantou e disse: “Mulher, onde estão eles? Ninguém te condenou?”

11 Ela respondeu: “Ninguém, Senhor”. Então Jesus lhe disse: “Eu também não te condeno. Podes ir, e de agora em diante não peques mais”.

Jo 7,53;8,1-11

...

O ódio é tema forte e freqüente na história humana desde antes dos tempos bíblicos. Se antes era dirigido aos desafetos dos Deuses ou aqueles que desafiavam seus fiéis seguidores, aos que feriam dos códigos religiosos, na contemporaneidade assume as formas das mais claras e específicas às mais veladas e obscuras. Talibã; judeus *versus* palestinos; seqüestro e aprisionamento de políticos Colombianos pelas FARC – Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia; o assassinato de líderes políticos como Benazir Buttho; ameaças de retaliação e retirada de diplomatas entre países em conflito, como recentemente visto no caso Venezuela *versus* Colômbia, são alguns exemplos recentes de diferentes manifestações do sentimento do ódio entre raças, facções políticas e mesmo nações.

Mas o que é o ódio, este sentimento que leva a ações de tal força e impacto? Uma explicação rápida e simplista recorreria ao dicionário Aurélio ou ao senso comum e responderia: é não gostar, se opor a algo ou alguém de forma viril, radical, levando todos os esforços possíveis a efeito para eu o objeto de seu desgosto. Aprofundando - um pouco - vamos ao campo da psicologia, que coloca o ódio como uma exacerbação da agressividade, uma manifestação extremada de sentimentos de medo ou oposição a algo ou alguém, contra pessoas ou costumes cujos interesses, hábitos, culturas ou costumes se chocam, conflitam com os nossos.

Este sentimento pode surgir de várias fontes de pensamento, desde o desejo de aliviar ou manifestar o medo – citado como a forma mais básica - até a necessidade de compreendermos e identificarmos facilmente aqueles que se unem aos nossos desejos e crenças ou mesmo fazem parte de nosso grupo social, num tipo de memória social que, em algum momento de nosso processo evolucionário, foi necessário para a sobrevivência e preservação da espécie e da própria identidade de um grupo.

Aqueles que desejavam apedrejar a adúltera salva por Jesus¹ – assim como os islâmicos que desejavam pena de morte a uma africana² - tomavam para si o direito e dever de levar a cabo o código religioso, ferindo, mutilando ou mesmo matando aquela que julgavam não ser digna do seu convívio por ferir seu código sagrado ou afrontar o poder masculino. Os Mujahedin e os seguidores de Osama Bin-Laden (HARRIS, 2007) clamam para si a verdade maior sobre o Alcorão, supostamente como uma justificativa para afirmação do seu poder, e colocam aqueles que deles divergem a ameaça da violência maior: os ataques terroristas; os palestinos explodem bombas e matam cidadãos Israelenses na rua, em bares, boates e qualquer lugar que oportunize grande número de vítimas e amplo espaço na mídia para mostrar seu poder e os resultados “positivos” para seus seguidores.

Por traz ou em função de conflitos de ordem política e territorial surge e se manifesta um ódio onde cada parte reclama para si uma posição central, de superioridade e de verdade absoluta que em nenhuma hipótese deve ser contrariada, e cujo efeito é a perda de vidas a todo o momento, e onde podemos observar uma forte influência de líderes ou

¹ Referimos ao episódio bíblico citado no início deste capítulo

doutrinas que fazem com que o ódio seja exacerbado, levado as maiores e às vezes extremas conseqüências.

Através dos breves exemplos citados vemos que a questão do ódio esconde uma complexidade que resiste a estas explicações simplistas ou ligeiras, colocadas aqui a fim de ilustração. Não estando relacionado centralmente em questões de sobrevivência, nem à agressividade necessária em certas etapas do desenvolvimento humano para a sobrevivência, o ódio se manifesta por razões particulares: divergências religiosas, esportivas, políticas ou mesmo preferências culturais ou de estilo – punks *versus* skinhead *versus* emos; gremistas *versus* colorados; petistas *versus* democratas, etc., mas sempre ligados às necessidades de afirmação da identidade e do poder de pessoas ou grupos.

Mas a maioria dos exemplos de ações e atitudes que citamos até aqui são gerais, mundiais. Seria o Brasil um lugar livre dos ódios que permeiam muitos do noticiário e das editoriais de mundo? Estaria nosso país livre de tais problemas? Não existem, em nosso país, movimentos que usam ou manifestam o ódio contra outrem como razão principal de sua existência?

A loira das piadas coloca sobre todas as mulheres de cabelo claro uma fama de burrice e falta de estudo, formando um estereótipo que influi na maneira como estas pessoas são percebidas na sociedade. Piadas de negros e portugueses, cujas raízes talvez remontem aos tempos em que o Brasil era uma colônia portuguesa, são as vezes elemento de constrangimento para estas pessoas, e manifestam um sentimento de preconceito e mesmo rejeição tão antigo quanto nossa colonização, mas ainda muito presente em nossa cultura.

Parece-nos – e esta resposta prévia assume o risco da obviedade – que não. Revoltas em prisões e reformatórios de adolescentes; guerras de torcidas em estádios, às vezes levando os torcedores à morte; torcidas organizadas assumindo a cruz suástica nazista como símbolo maior, pregando – e até mesmo levando a efeito – a morte dos seus desafetos (punks, skinheads, judeus, etc.); movimentos separatistas do sul do país, usando a formação racial da

² Caso relatado na mídia de uma mulher muçulmana que teve um filho fora do casamento e foi condenada a morrer apedrejada, que foi amplament divulgado na mídia ocidental.

região como principal argumento, são exemplos de elementos cotidianos em que observamos o ódio mostrando sua face no Brasil.

Reforça-se, então, a pergunta: onde estão os movimentos de ódio em língua Portuguesa? Quais são, onde estão, como se manifestam a buscam apoio os movimentos que levam cidadãos a se mobilizar contra algo ou alguém de forma viril e até mesmo violenta? Quais os motivos e argumentos que sustentam o mesmo? Este será o foco do presente trabalho, onde iremos identificar como se manifestam, como se comunicam e buscam conquistar o apoio de seus pares os movimentos e grupos na Internet em língua Portuguesa. Mas como efetuar este rastreamento, esta identificação?

Ora, sabemos, segundo Habermas (WOLF, 2002; RUDIGER, 2003) e outros, que a sociedade é fundo e fruto das comunicações, é aquilo que se fala, se oferta e circula nas interações. E estas comunicações coordenam e lançam mão de elementos simbólicos no sentido de obter do outro ou dos outros o que desejam ou buscam. Assim, a sociedade seria, em princípio, o mundo destes significados, destas interações que constituem, efetivamente, todas as ações que dão sentido a sociedade. Ou seja, a sociedade são as ações de comunicação que fazem os sujeitos.

De forma semelhante, a psicanálise (FADIMAN, 1986) coloca que o homem manifesta seu EU através da maneira como articula a linguagem. Lacan, por exemplo, constrói seu trabalho muito baseado – ou inspirado - no lingüista Lévi-Strauss, sustentando que o inconsciente se estrutura como e com a linguagem, que estariam além do controle do Ego. Já Jung (*idem*) vai além e amplia a concepção da comunicação para um campo bem mais amplo de manifestações, que vão desde os gestos, as imagens, cores e sons e toda sorte de símbolos que a nossa mente possa criar para traduzir-se em comunicação com os semelhantes que os cercam, formando o imaginário etnológico e social capaz de identificar as diferentes correntes do pensamento humano e mesmo formatar nossa identidade e nossas teias de relações.

Assim, temos que as falas, as comunicações são o lugar onde os sujeitos manifestam, efetivamente, suas causas e intenções. Ou seja, as ações e sentimentos se manifestam inicialmente de forma simbólica, em atos comunicacionais identificáveis e

manifestos no tecido social onde este sujeito circula. Um ato terrorista, a explosão de uma bomba, um atentado ou mesmo uma briga de torcidas manifesta, em verdade, um conflito que se inicia no campo simbólico dos diferentes sujeitos e que, em algum momento, será manifesto enquanto fala, discurso social e elemento de persuasão antes da ação propriamente dita. Em outras palavras: todo ato se inicia com uma fala; toda violência começa como uma ameaça verbal.

Estes discursos manifestam, ensejam intenções e estratégias persuasivas onde o ódio pode ser elemento central de construção. J. A. C. Brown (1976), cujo livro “Estratégias de persuasão” remonta a década de 1960, período maior da Guerra Fria, já citava a criação de inimigos como importante estratégia de persuasão, na medida em que oferta e facilita a identificação dos diferentes sujeitos com causas e argumentos. Este inimigo, segundo Brown, pode ser real ou em potencial, sobre o qual se coloca suposições contrárias às aspirações e desejos da população, permitindo desviar para estes as causas dos problemas ou ameaças a esta população. Ou seja, a criação ou identificação de um opositor facilita a identificação do sujeito ou grupo como uma causa e serve muitas vezes como justificativa de um prejuízo sofrido por uma classe ou causa.

Tendo estas questões e apontamentos em vista, nos ocupamos de identificar neste trabalho, através das falas e discursos de diferentes sujeitos e grupos sociais, a presença, a forma de manifestação e o foco de movimentos de ódio no Brasil. Neste momento lembramos da apreensão de livros acusados de anti-semitismo, de censura e recolhimento de veículos independentes por ordem da justiça, e vemos que estamos num país onde – como a grande maioria das sociedades democráticas modernas - a liberdade de expressão sofre forte influência de parâmetros e avaliações jurídicas, que permeiam e verificam as ações dos sujeitos e campos sociais.

No entanto, existe um espaço de comunicação que, a despeito de casos recentes de recolhimento e censura, resiste a regulamentações mais fortes e se mantém como espaço profícuo de liberdade de manifestação: a Internet. Claro que não iremos nos aprofundar em elementos recentes, como prisão de quadrilhas de pedófilos ou censura a provedores em função da circulação de vídeos indiscretos (como no caso da modelo e atriz Daniela Ciccarelli) ou mesmo das limitações de pesquisa e inserção de conteúdos na China, que

provam que a rede não é um espaço totalmente livre de regulamentações e interferências jurídicas ou governamentais, pois se lembrarmos de movimentos como os Zapatistas, no México; as *Flash Mobs* nos Estados Unidos e Europa; a mobilização de protestos de grupos anti-globalização através da rede; os espaços ocupados por partidos menores buscando pautar debates no contexto eleitoral Brasileiro vemos que a liberdade ainda é o valor maior em vigência na rede.

Ou seja, por um custo relativamente baixo – alguns poucos reais ou dólares mensais – um grupo ou pessoa que deseje ter suas opiniões e conteúdos circulando pelo mundo e que tenha algum conhecimento técnico para manipular os elementos técnicos³ pode ter uma ampla audiência, ser visível e angariar simpatizantes em todas as partes do globo, e com o “benefício” de apresentar suas razões e argumentos sem a contraposição direta ou imediata de ninguém.

Devemos também lembrar que a Internet é, por natureza, sem fronteiras. A censura a conteúdos pelo governo Chinês ou o bloqueio a provedores no Brasil são a exceção num meio que surgiu e se pautou pela liberdade de expressão. A ausência de fronteiras facilita a ruptura destes bloqueios, na medida em que um grupo proibido pela justiça de se manifestar no Brasil pode colocar seu website em um provedor da Islândia - por exemplo - ou qualquer país em que não hajam acordos jurídicos firmados com o Brasil, mantendo seus conteúdos e discursos a disposição dos Internautas que saibam por ela buscar.

Por isso, nosso trabalho se foca em identificar as estratégias persuasivas de movimentos de ódio na Internet em língua portuguesa. De forma mais específica, são objetivos de nosso trabalho e desta metodologia:

- identificar os tipos de ódio mais presentes na Internet em Português;
- analisar o discurso utilizados por estes movimentos;
- observar as relações que estes movimentos estabelecem através da Internet;
- estabelecer um rastreamento inicial dos movimentos de ódio na Internet em

língua Portuguesa.

³ Neste ponto, citamos o uso das chamadas META TAGS, conteúdo não visível nas páginas dos *websites*, *blogs*, etc. que fazem o cadastramento e a relevância no mecanismos de busca da rede.

Para tanto, utilizamos uma metodologia baseada na análise de conteúdo sustentada, inicialmente, num levantamento e caracterização teóricos do ódio, seus fenômenos e efeitos, pois precisamos, antes de localizar, identificar e qualificar os movimentos de ódio na Internet, compreender como este ódio se manifesta, suas características e como se manifesta em termos de falas, de discursos sociais.

Sobre isto nos debruçaremos no capítulo seguinte a este. Através de elementos da filosofia, da psicologia e psicanálise e da sociologia, iremos construir os aspectos sociais e discursivos que formam e manifestam o ódio em suas diferentes facetas. A seguir, apresentamos nosso aparato metodológico de localização e pesquisa dos espaços e comunidades de ódio em língua portuguesa. Finalmente, apresentamos alguns resultados preliminares deste trabalho, efetuados para testar e verificar a validade da metodologia construída.

2. O ódio e suas manifestações

Certa vez, Apolo pegou Afrodite e Ares, dois amantes infiéis a Hefesto, em pleno relacionamento e foi rapidamente contar ao deus traído, que prendeu os dois numa rede invisível e chamou os outros deuses para que vissem a cena.

Deste relacionamento Afrodite teve um filho chamado Eros, o Deus do Amor. Vítima da ira dos Deuses, Eros foi condenado a ser eternamente uma criança até o nascimento de um irmão. Afrodite, então, para quebrar o encantamento, teve um outro filho que recebeu o nome de Anteros (Anti-Eros) por personificar a repulsa, o ciúme e o ódio.

...

O Brasil, como praticamente todas as nações do mundo, tem em sua história fortes exemplos do ódio como elemento motivador de ações e crimes. Chibatadas nos negros escravizados; assassinato de colonizadores pelos índios e vice-versa; enforcamento de inimigos de estado como Tiradentes; os fascistas de Plínio Salgado, que tinham inclusive seus próprios jornais; prisão, confinamento e tortura de jornalistas e cidadãos considerados “inimigos do estado” durante o regime militar traçam um breve panorama da história do ódio em nosso país.

A imagem que o Brasil projeta por sua formação cultural e étnica é de um país naturalmente liberal, onde todos podem e convivem livremente, e cuja história passou por momento de distensão e tensão hoje passados.

Mas a crônica policial recente parece contradizer estas máximas: assassinato e fuzilamento, na rua, de homossexuais no interior de São Paulo por grupos anônimos fortemente armados; grupos separatistas no sul argumentando a injustiça econômica criada fomentada pelo governo de Brasília, que faria com que o povo do sul sustente com seu trabalho um povo Brasileiro preguiçoso; jornalistas da Rede Globo seqüestrado por membros do PCC em troca de espaço na mídia; piadas de negros e loiras inseridas em *websites* humorísticos ou em quadros de programas de TV como Casseta & Planeta. E este fenômeno não é exclusivo Brasileiro, ou nem mesmo tem em suas fronteiras suas maiores e mais fortes manifestações. Em nível mundial parece que estamos experimentando níveis muito fortes de

intolerâncias, racismo, xenofobia, anti-semitismo, homofobia e tantas outras manifestações de ódio entre raças, grupos sociais e mesmo nações.

Em alguns pontos parece que estamos regredindo ou lutando contra todos os progressos e avanços obtidos pelos movimentos de direitos humanos e civis que se propagaram pelo mundo nas décadas após a segunda guerra mundial. As antigas justificativas para a escravidão, a segregação e as limitações impostas a grupos sociais e raciais hoje assumem formas veladas em discursos políticos nacionalistas, que tem no dito “terrorismo internacional” ou na necessidade da “preservação das fronteiras” seu foco de atenção e argumentação, ou justificativas econômicas, onde a falta de um emprego ou a crise financeira de um país aparece creditada aos imigrantes, aos estrangeiros, aos bancos internacionais ou qualquer outro que possa estar conspirando contra uma determinada nação com problemas.

Podemos começar a notar que o ódio se manifesta, mostra sua face mais forte e viril sempre que há alguma ameaça ou problema cuja solução se apresenta de difícil solução para uma pessoa ou grupo. Assim, canalizando o *stress* físico ou psicológico contra uma pessoa ou grupo contrário às nossas crenças ou nossos interesses, reagindo contra uma ameaça, sensação, emoção dolorosa ou sentimento de frustração (GOÉS, 2004; FADIMAN, 1986) eliminamos a sensação do *stress* e nos sentimos agindo contra ou em relação ao problema.

A raiva é um sentimento passageiro, motivado por algum estímulo ou elemento que impacta ou se mostra contrário a nossos interesses e crenças. Já o ódio é uma emoção, um sentimento de intensa revolta, desgosto ou antipatia por uma pessoa, grupo, objeto ou símbolo, na maioria das vezes determinada pelo desejo de destruir aquilo que é a fonte do sentimento, e que nos acompanhará em longo período de nossas vidas. A raiva pode virar ódio, assim como o ódio pode se caracterizar, se manifestar numa reação raivosa.

Conforme a maioria das correntes da psicologia (FADIMAN, 1986; DOZIER, 2002) o ódio é uma reação contra algo que ameaça ou se coloca contrário a nossos desejos ou mesmo sobrevivência. Pessoas que concordam conosco, dividem nossos sonhos, projetos, gostos devem ser amadas e protegidas. Pessoas que discordam ou se opõem a algo que

desejamos, colocando nossos projetos ou mesmo sobrevivência devem ser odiadas, para que assim possamos garantir nosso crescimento e nossa sobrevivência.

Esta talvez seja a mais antiga raiz do sentimento do ódio. Num processo instintivo, o homem primitivo percebia que havia ameaças a sua sobrevivência e de seus descendentes. Odiar um animal carnívoro ou uma tribo que competia pelos alimentos era algo necessário para a própria sobrevivência da espécie, e o ódio se exacerbava e se canalizava em conflitos que resolviam tais disputas.

Mas em seu processo evolucionário, o homem passou por diversas fases e começou a se unir e ter consciência - mesmo limitada - dos fatos e fenômenos do ambiente que nos cerca. A união em grupos sociais passou a facilitar a sobrevivência dos diversos membros da comunidade. O ódio, fruto do medo ou do desejo de sobrevivência, deixa de ser um sentimento necessário, mas se integra a formação do cérebro do homem moderno.

As correntes de estudo mais recentes da biologia e da medicina, que estudam os mecanismos de ação e reação do cérebro tem demonstrado que o ódio está ligado diretamente a áreas de cérebro que reagem a estímulos específicos. Uma destas pesquisas (DOZIER, 2002; GAYLIN, 2003), feita nos Estados Unidos, mostrou que pessoas sem traços ou manifestações de qualquer tipo de sociopatia ou descontrole apresentam muita atividade na região cerebral chamada Amígdala quando pensam em atos ou atitudes ilegais ou imorais. Em contrapartida, o córtex frontal, área mais associada ao pensamento lógico, tem pouca atividade neste mesmo momento.

Esta área identificada pelos neurocientistas como Amígdala é parcialmente responsável pela maneira como reagimos ao mundo ao redor. Junto com o hipotálamo e o hipocampo forma o chamado sistema límbico, devotado as nossas emoções e motivações. Este sistema estaria, segundo as pesquisas, ligado ao nosso aparelho sensorial, buscando detectar por ameaças, sinais ou estímulos que levam a dor física ou emocional e levado o organismo às reações frente o ambiente.

Sob estímulos contrários ao senso de moral e justiça vigente na cultura, como indicou a pesquisa já citada, o cérebro reage estimulando áreas específicas, mas instintivas, e

diminuindo as atividades nas áreas apontadas como responsáveis pelo pensamento lógico. Se confirmadas estas pesquisas, a percepção da ascendência do ambiente cultural e social sobre a formação das ações e reações dos sujeitos se tornaria menos válida: seríamos primordialmente fruto de um processo de seleção e evolução natural que formou nosso cérebro e determina a maioria de nossas características, onde o ambiente social seria um catalizador de atitudes e comportamentos, mas ao mesmo tempo um gerador de estímulos que nos levaria a reações mais instintivas.

Num tiroteio, por exemplo, instintivamente temos a tendência de nos abaixar e proteger contra as ameaças. A descarga de adrenalina no sangue acelera os batimentos cardíacos, tensiona os músculos e coloca o organismo em prontidão para reagir a ameaça, buscando proteger e preservar o corpo como um todo, numa reação semelhante ao que nossos antepassados sentiam ao se defrontar com um animal perigoso. E esta é uma das muitas reações instintivas que dividimos enquanto raça, e que se formam no sistema límbico, numa reação física muito parecida com a que experimentamos quando sentimos raiva e ódio, determinando também a intensidade com que iremos manifestar a reação.

Em sentido contrário, teríamos a tendência natural também de colaborar para a manutenção e o crescimento de nossa comunidade. Biólogos já observaram macacos Bonobos socorrendo e protegendo animais de outras raças em perigo, fornecendo até mesmo alimentos. Também já forma vistas situações em que chimpanzés dividiram igualmente entre seu grupo social alimentos obtidos. E os golfinhos unem forças na comunidade para proteger seu grupo e mesmo animais menores (GAYLIN, 2003). Assim, nós humanos teríamos também uma natural tendência a desenvolver um senso de moralidade, de ética, de justiça e de respeito. Ou seja, independente de credo, nacionalidade ou orientação religiosa, a evolução natural da espécie humana teria, segundo apontam as mais recentes - e ainda não plenamente afirmadas - correntes de pesquisa do cérebro feito surgir uma natural percepção do certo e do errado.

Colocando de forma simples, o que estas pesquisas indicam é que a formação do cérebro pode fazer com que uma pessoa seja mais ou menos suscetível a determinado tipo de estímulo e manifestar certos comportamentos com maior ou menor força. Seríamos mais ou menos afetados pelas informações do ambiente, como uma ameaça a nossa segurança, uma

desavença com um semelhante ou um discurso persuasivo devido a nossa formação cerebral. Os psicopatas, assassinos em série, seriam fruto de uma falha na formação das áreas do cérebro onde se desenvolvem os sentidos de moralidade, justiça, certo e errado.

Os seres humanos teriam um tipo ou nível de psicologia intuitiva, necessária para interagir e entender as reações daqueles que o cercam, pondo em cheque a idéia que precisam de exposição à cultura para distinguir o certo do errado, o justo do injusto. Mas estas pesquisas da biologia e da medicina, como já colocamos, são ainda muito incipientes, e em nenhum momento desprezam ou ignoram o papel e a importância do ambiente como “gatilho” das ações e reações dos sujeitos. Afinal, muitos dos costumes que ainda hoje manifestamos são frutos de um complexo sistema cultural que evoluiu há milhares de anos.

Parece também lógico pensar na impossibilidade de gerações inteiras de europeus – no caso da escravatura e opressão aos negros - alemães – no caso da segunda guerra mundial – ou muçulmanos – nos tempos atuais, para citar apenas três exemplos - tenham nascido com algum tipo de desvio funcional em regiões do cérebro que levariam a manifestar o ódio de forma tão forte e viril, a ponto de planejar e executar ações que levariam milhares de pessoas a morte, como o holocausto ou o atentado de onze de setembro. O senso de moralidade, de justiça ética naturalmente interage com instintos como preservação da espécie, competitividade, agressividade e defesa, que também são inatos ao ser humano, gerando a forma como reagimos a determinados estímulos ou impulsos.

Muitas correntes da psicologia citam que o ódio tem uma raiz cultural, com forte influência do ambiente social e cultural que cerca o sujeito. Daí surgiria a facilidade com que certas culturas desenvolvem e manifestam o ódio contra outros. Certamente que o ambiente exerce forte influência na forma e atitude como o ódio se manifesta, ou não teríamos tantos casos de homens-bomba explodindo seu corpo em troca de sucesso e prazer no paraíso como pregam os Muçulmanos radicais no Oriente Médio.

Mas o ódio excessivo, viril, endêmico que vemos entre religiões, culturas e etnias pode nascer de uma tendência do cérebro de generalizar as exceções, de exacerbar as diferenças e semelhanças entre grupos e pessoas. A Teoria de Gestalt, ou psicologia da forma (PERLS, 1947), explica, em parte, esta tendência do cérebro. O princípio da proximidade, que

diz que elementos próximos tendem a ser agrupados, e da semelhança, que cita que elementos semelhantes tendem a ser agrupados e reunidos num conjunto único em nossa percepção, mostram que temos uma tendência de observar os elementos que nos cercam em relação de oposição ou semelhança entre si e entre os demais. Assim, pessoas que dividem projetos, gostos ou percepções conosco tendem a ser reunidas num grupo de – digamos - “amigos”, enquanto quem se opõem tenderíamos a colocar num grupo de “inimigos”.

Por trás disso está a fonte de satisfação ou frustração (GAYLIN, 2003). Se obtivermos o que desejamos ou se nossos projetos são cumpridos nos sentimos satisfeitos. Por outro lado, se nossos projetos são ameaçados ou enfrentamos obstáculos intransponíveis nos sentimos frustrados, e naturalmente buscamos culpados por esta frustração, nascendo aí o ódio a algo ou alguém. Semelhante a um bebê que se sente incomodado com a fome, e manifesta sua frustração chorando fortemente exigindo o alimento, quando algo que precisamos ou desejamos nos é negado ou não alcançamos em função de qualquer obstáculo manifestamos de forma semelhante, reagindo contra aquilo que nos impede.

Ou seja, o ódio pode ter sua fonte no medo ou numa experiência negativa ao lidar com grupos ou pessoas pertencentes a determinadas correntes de ação e pensamento, de forma bastante focada, ou se manifestar como um sentimento difuso, indefinido, diverso. As fontes mais facilmente identificáveis de ódio são a privação, a injustiça, a traição, a exploração, a frustração, a humilhação e a inveja (GAYLIN, 2003; GOÉS, 2004; DOZIER, 2002).

Não iremos –agora - detalhar as características destes sentimentos, mas vemos que no cerne do surgimento do ódio está a percepção, subjetiva, de que algo que nos pertence ou nos é devido não está ao nosso alcance. Por isso, procuremos externamente um culpado, alguém externo que bloqueia ou nos impede de alcançar o que desejamos, exacerbando um binarismo EU *versus* ELE ou NÓS *versus* ELES (DOZIER, 2002) que forma e cristaliza o ódio.

2.1. As diferentes faces do ódio

A ameaça direta ou a frustração de expectativas e desejos parecem ser a fonte maior do surgimento e afirmação do ódio. Neste ponto, podemos imaginar que diferentes

fontes de frustração levarão diferentes manifestações do ódio, muitos deles já reconhecidos e “catalogados”. Misanthropia, misoginia, racismo, xenofobia são algumas destas formas, e cujas causas podem ser as mais variadas, desde questões culturais e religiosas até mesmo experiências pessoais negativas com pessoas ou grupos.

Misanthropia é um tipo de desconfiança, desgosto ou desprazer focado na espécie humana, não implicando em comportamentos ou atitudes inumanas, anti-sociais, mas sim na observação e espera de fatos e reações que já aconteceram, como se estes fossem sempre uma repetição de padrões ou se a humanidade não evoluísse. Bastante raro, a pessoa com este tipo de visão – distorcida – pode ter relações sociais normais, vida profissional, etc., mas esconde um tipo de alienação social interna. Escolas, religiões, estado, tudo aquilo que manter a humanidade como um todo são vistos como algo a ser eliminado. Os agentes do filme *MATRIX*, que acreditavam ser a humanidade um vírus, são um bom – e raro - exemplo de misantropos.

Muitas vezes confundida ou citada junto com a misanthropia, a homofobia, o medo de quem gosta do igual, é um ódio dirigido diretamente aos homossexuais. A negação de uma identidade sexual diferente do sexo que a pessoa nasceu é o centro da atenção de quem é homofóbico. Sua origem emocional é apontada na mesma fonte que faz surgir o racismo e o anti-semitismo. As religiões que pregam o sexo somente para fins reprodutivos, desprezando ou proibindo o prazer carnal, são elementos de fundação e mesmo argumentação homofóbica. Usar de expressões estereotipadas e mesmo ofensivas como “bichonas”, “bichinhas”, “aidéticos” ou mesmo “frescos”, muitas vezes presentes em piadas e programas humorísticos na TV, são exemplos de formas de manifestar a homofobia.

Misoginia é um tipo de ódio dirigido diretamente as mulheres. Longe de ser um comportamento ou atitude, é mais uma ideologia, um valor cultural que crê que as mulheres devem se submeter ao poder e desejos masculinos. Pagar salários mais baixos para um mesmo cargo é um bom exemplo de misoginia. Muito da misoginia está ligada a questão sexual (FADIMAN, 1986). Os muçulmanos, por exemplo, criaram uma cultura com um medo tão grande da vagina feminina, parecida com a boca, que passaram a considerar esta obscena. Assim, deveria ser permanentemente coberta pra evitar o poder da boca (e da vagina) sobre os homens. Personagens como Casanova ou Don Juan são exemplos de misóginos, homens que

desprezavam a mulher a ponto de tratá-las como simples objetos de prazer. Já a misandria, em sentido contrário, é o ódio contra o gênero masculino, um tipo de sexismo exacerbado.

O anti-semitismo é o ódio dirigido direta e exclusivamente aos judeus como grupo, raça ou credo religioso. Este ódio pode ser individual ou coletivo, levado a cabo por movimentos articulados que tem nos judeus o seu foco de atuação e, porque não dizer, agressão. O holocausto na segunda Guerra mundial é o maior e mais recente exemplo de preconceito que atravessa a história. Bombas em sinagogas, explosão de civis em atentados em bares e vias públicas, e outras ações que freqüentemente vemos nos noticiários mostram que o anti-semitismo ainda é um forte movimento e ódio em nível mundial. A própria religião católica por muitos séculos colocou sobre os judeus a culpa pelo sofrimento e pela crucificação de Jesus Cristo, estimulando, assim, o ódio aos judeus. Curiosamente o termo semita refere-se tanto a judeus quanto a palestinos e árabes. Mas a expressão anti-semitismo se afirma como o ódio focado nos judeus.

Xenofobia, segundo o dicionário Aurélio, é a aversão aos estrangeiros, um preconceito ou preocupação em relação a elementos estranhos a sua cultura e sua raça. Os movimentos sociais como MST e Via Campesina, que atacam empresas norte-americanas, destroem plantas transgênicas ou mesmo apedrejam lojas da rede de lancherias MacDonald's, e os movimentos separatistas do sul do Brasil são um bom exemplo da xenofobia dirigida e levada ao último efeito.

Neste ponto ações persuasivas levadas a efeito por membros dos grupos políticos ou religiosos e mesmo pressões exercidas pelo grupo social em que convivemos, com o qual tendemos a estar sempre em congruência (GOÉS, 2004), são fonte de surgimento e afirmação do ódio.

2.2. Ódio e Persuasão

Persuadir tem sua origem etimológica no latim *per suadere*, fazer crer. A comunicação persuasiva seja no nível individual, pessoa a pessoa, seja no nível grupal ou mesmo social, busca convencer e mudar atitudes nas pessoas usando de argumentos e influência psicológicas. Por isso falar de persuasão é referir a algo naturalmente impreciso,

nem sempre observável e muitas vezes impenetrável, pois – por mais que os esforços e estratégias sejam visíveis – esta persuasão nem sempre é visível, porque ocorre no interior de cada pessoa.

Correntes mais antigas da teoria da comunicação (WOLF, 2002; GOMES, 2001) já identificavam as possibilidades e efeitos persuasivos das mensagens. Variando da observação de que a persuasão era possível de ser obtida se a mensagem ativar fatores pessoais de interesse até que a persuasão podia não ser obtida, os pesquisadores chegaram a conclusão de que as pessoas tinham características específicas que facilitavam ou barravam as estratégias persuasivas. Ou seja, as observações dos pesquisadores indicavam que havia, nas mensagens dos meios de comunicação, elementos que ativavam fatores pessoais de interesse que levavam a mensagem a ter maiores ou menores efeitos persuasivos.

Partindo destas observações podemos observar que a persuasão, longe de um efeito unilateral de uma mensagem sobre uma pessoa, na verdade se dá pela articulação da mensagem com o campo de experiências do sujeito que recebe a mensagem. Isto pode ser notado também no trabalho de J.A.C. Brown (1976), que em seu já clássico livro elencava várias estratégias de persuasão usadas na publicidade e propaganda:

- Criação de estereótipos – lidar com algo conhecido e comum, que evita ou reduz questionamentos;
- Substituição de nomes – trocam-se palavras desgastadas por sinônimos (ex: capitalismo X livre-iniciativa);
- Criação de Inimigos – a imagem de um opositor claro facilita a identificação das pessoas com uma causa ou movimento;
- Apelo a autoridade – uso de especialistas, autoridades e personalidades que conferem prestígio a um tema;
- Afirmação e repetição – repete-se uma mensagem afirmativa (beba, ligue, vote) eliminar opiniões contrárias ou não dar margem para dúvidas.

Notamos no trabalho de Brown uma sistematização de formatos e recursos generalizados que apontam, novamente, para o papel fundamental das expectativas e experiências. Pesquisas e trabalhos mais recentes (ROIZ, 2002) seguem esta mesma linha,

demonstrando que é fácil persuadir as pessoas naquilo que vai ao encontro dos seus objetivos, necessidades, experiências, sistema de crenças e valores.

Em sentido inverso, é difícil persuadir as pessoas quando as mensagens vão contra essas estruturas pessoais, pois as pessoas têm vários mecanismos de resistência à persuasão, tais como: atenção, percepção, exposição, a memorização e evocação seletivas, etc. Correntes mais recentes (ROIZ, 2002) confirmam e ampliam estas noções, demonstrando que a persuasão se obtém “jogando” com o campo simbólico, o mundo das idéias de cada pessoa.

Pelos próprios termos vemos que há no sujeito alvo do processo de persuasão, uma tentativa de selecionar o que lhe interessa e, assim, permitir ou não a persuasão. Há também fatores limitativos da eficácia persuasiva de uma mensagem que dependem do contexto social, pois várias mensagens persuasivas co-existem, podendo haver, inclusive, contradição entre estas.

Na guerra de idéias e ideologias, a exploração dos sentimentos é das técnicas mais estudadas e aplicadas. A intoxicação e evocação de emoções, buscando produzir uma euforia e levar a ação imediata tem sua base na dependência que os indivíduos têm com respeito à obtenção de informações e de significados. Podem ser usados, na busca pela persuasão, desde omissões de determinado tipo de informação até inclusão ou ênfase em outro tipo de informação, passando pela enunciação de meias verdades, a elaboração de argumentos emotivos e inclusive enganosos e falsos.

Longe de uma mera idéia de causalidade entre objetivos e estratégias persuasivas e efeitos sociais, conquistar e motivar as pessoas e grupos sociais é fundamental para a sobrevivência e crescimento de grupos e organização dentro do tecido social. Os persuasores em geral usam destes princípios e regras citados, mesmo que intuitivamente, no sentido de elaborar e aprimorar suas mensagens, buscando obter maior espaço e poder no tabuleiro do conflito de idéias, objetivos e projetos. Estas mensagens, codificadas para atrair mais os pensamentos ou orientadas para comover, afloraram os sentimentos e levam a efeito as intenções ideológicas de criar, exercer e manter um controle sobre os alvos desejados.

Os conflitos e disputas, de uma discussão de trânsito a uma guerra por território, se iniciam no campo simbólico das pessoas. As opiniões, comportamentos, atitudes e reflexões serão mais ou menos passíveis de gerar efeitos na medida a pessoas julgar pertencer a grupos majoritários ou minimamente consistentes. As mensagens persuasivas tendem a ser bem sucedidas quando agirem em consonância com o campo de experiências e expectativas das pessoas.

Assim, usar de elementos da identidade e formação do grupo, reforçando seus valores, objetivos e conhecimentos, é uma forma de persuadir este grupo a um determinado objetivo, causa ou valor. Brinca-se que é impossível, no Rio Grande do Sul, fazer um colorado, torcedor do Internacional, virar Gremista, e vice-versa, pois ambos fazem parte de grupo de torcedores de clubes esportivos da capital cuja oposição vem desde a fundação dos mesmos⁴. Infelizmente esta mesma oposição às vezes gera a violência, em brigas e agressões entre pessoas entre pessoas identificadas com cada time.

Claro que estes exemplos aqui citados são natural e propositadamente superficiais, e muitos e mais variados seriam outros exemplos que poderíamos trazer. A teoria psicanalítica (FADIMAN, 1986; GAYLIN, 2003) já citava, que uma pessoa tende a se apropriar de algum traço ou comportamento dos que os cercam, internalizando-o para poder se sentir sempre junto deste outro. Chamado de identificação por Freud e de réplica ou dublê por Morin reside neste comportamento a tendência a imitação.

Em mesmo sentido, a Teoria da Convergência Simbólica (*Symbolic Convergence Theory*) (DUFFY, 2008; GÓES, 2004) mostra que a tendência de buscarmos estar sempre em convergência com nosso ambiente social pode levar à criação de fantasias, de imagens irreais acerca de nosso grupo ou de grupos ao nosso redor, surgido naturalmente uma situação de oposição. As histórias, valorizando atos e ações do grupo que divide os elementos identitários pode e será suado como elemento persuador, agindo dentro do campo simbólico das pessoas e cooptando-as para os objetivos e as estratégias do grupo.

⁴ Neste ponto devemos citar que a origem de cada clube está vinculada a classes sociais diferentes, sendo o Grêmio tido com o clube da elite em sua fundação – a ponto de inicialmente não aceitar negros no time - enquanto o Internacional estava mais vinculado as classes populares, o que em parte pode explicar esta polarização entre as torcidas.

Obviamente que, segundo esta linha, não teremos tramas complexas ou amplas, mas sim episódios esparsos e localizados onde a fantasia se manifesta dentro de um cenário com fundo de realidade, onde fatos são manipulados para a construção daquilo que é de interesse do persuasor. Começamos a perceber o papel e importância do cenário social nos efeitos persuasivos, e das opiniões e atitudes que se forma na sociedade como elemento de influências e contaminação. Fomentar e estimular o ódio entre grupos e raças, usando de argumentos de cunho político, econômico ou racial, é fonte permanente de discursos e esforços persuasivos, seja através de contato direto ou – e principalmente nos tempos atuais – usando dos meios de comunicação de massa.

Como explicar a ascensão do regime nazista e a perseguição aos judeus sem olhar para os sentimentos do povo alemão, derrotado na primeira guerra mundial e humilhado pelos acordos pós-guerra, que facilitou o desenvolvimento de estratégias persuasivas nos meios de comunicação da época fundamentais para as estratégias Nazistas? É possível entender a revolta dos estrangeiros nos subúrbios de Paris sem olhar para o enrijecimento das leis de trabalho e o conflito por emprego com os Franceses? Podemos entender o conflito entre árabes e judeus sem olhar para as questões religiosas – os filhos de Isaac *versus* os filhos de Ishmael – e para a geopolítica resultante do processo de criação do estado de Israel, além, é claro, das questões econômicas que envolvem a região mais rica em petróleo do mundo?

Não causa surpresa que a incitação ao ódio seja usada como forma de persuadir pessoas e obter apoio a causas. Como já colocamos, e vários pesquisadores citam, criar inimigos, intoxicar emoções levando ao êxtase, prometer benefícios ou milagres são esquemas clássicos de persuasão, que lidando com as emoções das pessoas buscam levá-las para um determinado lado de uma questão. Os comunistas na época da Guerra Fria; o neo-liberalismo econômico que acaba com empresas e empregos; os alimentos transgênicos; a Rede Globo, citada por setores políticos como grande manipuladora da opinião pública em prol de suas causas; os policiais militares, que segundo os cantores de *RAP* perseguem os pobres e de cor; “verdades” repetidas a exaustão de diferentes formas e com diferenciadas estratégias.

Neste ponto a comunicação, seus atores e processos apresentam-se como elementos fundamentais, fundantes e estruturantes dos processos sociais contemporâneos e de circulação de discursos e estratégias. Os espaços da mídia instauram uma dinâmica social

fragmentada, dividida temporal mas não geográfica e fisicamente pelos constituintes da sociedade (RUBIM, 2000), convertendo-se no espaço público onde circula, são negociadas e até mesmo resolvidos os processos sociais. Esse processo inaugura uma redefinição dos papéis e dinâmicas dos integrantes dos vários campos sociais, e pode ser notada nos mais variados processos.

E nas sociedades modernas e contemporâneas a mídia ascende como espaço de circulação de negociação dos processos e fazeres dos vários campos sociais, tornando-se o ponto de publicização, circulação e negociação dos vários processos sociais. Desde a compra de um produto de beleza até o voto em determinado candidato passando pela opinião sobre um caso de corrupção, as mensagens dos meios de comunicação afetam as atitudes e comportamentos dos atos dos diferentes atores sociais. Claro, lembramos que, como citado anteriormente, a persuasão é mais efetiva na medida em que as técnicas e os argumentos vão ao encontro daquilo que o sujeito crê, de seus campos de expectativas e experiências.

Daí deriva que os meios exercem um tipo específico de controle social persuasivo manipulando os conteúdos e elementos informativos (ROIZ, 2002). O poder – simbólico - das mensagens e das tecnologias da comunicação facilitam a evasão do sujeito, utilizando mecanismos psicológicos e sensoriais para obter a atenção das pessoas. Bourdieu (1998) cita que o controle social na sociedade contemporânea se exerce - entre outros mecanismos - pela transmissão de conteúdos que tem haver com os diferentes gostos da população.

Ora, a história das redes de informação e sua influência nos sistemas de poder remontam a própria história política da humanidade. Os persas dominaram o mundo graças a uma extensa e bem planejada rede de estradas, que permitiam a rápida circulação de mensageiros entre as várias províncias e o governo central do império. A democracia já havia dado seus primeiros passos na Grécia quando o *cursus publicus*, correio imperial Romano, usava uma extensa e bem planejada rede de estradas pavimentadas e rotas marítimas, que faziam com que as informações e ordens do império circulassem rapidamente entre as terras conquistadas e permitiam ao governo tomar decisões e reagir rapidamente a qualquer problema (PINTO, 1994).

O gosto das pessoas se projeta nos costumes, hábitos e comportamentos sociais e reflete os valores sociais dos grupos e subgrupos que estes dividem. Já a imagem e os conteúdos dos meios classificam e organizam o mundo social e também os valores, as crenças, as formas e as relações sociais. Exagerando umas práticas comunicativas e reduzindo o valor de outras, reforçando certo tipo de argumento em detrimento de outro, utilizando o recurso da redundância formal e expressiva e a repetição de determinados significados as mensagens da mídia ofertam terreno fértil para a manutenção do *status quo*.

Mas onde entra o ódio nesta equação? Primeiramente devemos lembrar que o sistema de mídia sofre ampla regulamentação do sistema jurídico. Logo, naturalmente espera-se que os meios ajam de acordo com o sistema legal vigente, onde a vigilância e punição ao ódio e suas manifestações são elementos básicos de ação. Em segundo lugar, a mídia existe num sistema social de ampla complexidade, onde co-existem diferentes grupos, segmentos e tendências, que em maior ou menor grau serão atendidos pela mídia na busca da audiência desta, necessários a sua sustentação econômica. Assim, as tendências hegemônicas da sociedade serão retratadas na mídia, salvo de houver algum movimento contra-hegemônico que mostre força e impacto capaz de mudar estas estruturas (GRAMSCI, 1978).

Imaginar, então, a grande mídia propagando o ódio seria pensar em movimentos contrários as posições sociais, costumes e valores construídos nas décadas de evolução e afirmação de direitos sociais e civis. Finalmente, os grupos e movimentos de ódio tendem a ser considerados como “foras da lei”, sem a legitimidade social ou política que os dignifique ao caro e concorrido espaço dos meios de comunicação

Este parece não ser o cenário. A imagem que os meios e comunicação projetam sobre os árabes, generalizando um fanatismo terrorista endêmico na sua sociedade - caso dos telejornais Norte-Americanos em apoio a guerra no Iraque - bem como telenovelas e programas religiosos que colocam os homossexuais como doentes ou pessoas sem caráter – caso da programação da rede de emissoras Brasileira Record – sem contar com campanhas de conscientização que colocam sobre motoristas a fama de portadores de problemas emocionais ou mesmo sexuais, são alguns exemplos de como o preconceito e o ódio se fazem presentes nos meios de comunicação e são usados como elementos de persuasão.

2.3. O ódio e a Internet

Por outro lado, e saindo da grande mídia, devemos lembrar que as tecnologias midiáticas estão cada vez mais acessíveis ao público em geral. Imprimir e distribuir um jornal com conteúdo próprio está cada vez mais barato e acessível com o desenvolvimento tecnológico e a concorrência entre empresas gráficas. Da mesma forma, imprimir um livro completo e colocá-lo a venda em pontos estratégicos independe de grande potencial ou capacidade econômica. Isso sem contar com a redução de custos de aparelhos eletrônicos de captação e edição de áudio e vídeo e a popularização de equipamentos de informática com capacidade para gerenciar estes formatos, transformando estas linguagens em elementos acessíveis a qualquer pessoa com algum recurso financeiro e disposição para aprender a lidar com as mesmas.

Vemos um cenário em que qualquer pessoa pode ter acesso e gerar estratégias de produção e circulação de conteúdos, e os movimentos organizados e propagação e exaltação ao ódio utilizam destas linguagens como forma de circular suas ideologias. De panfletos colocados aleatoriamente dentro de livros em bibliotecas à livros completos com conteúdo revisionista – muitos apreendidos por ordem judicial – passando por jornais organizados com conteúdo separatistas ou anti-semita (DIAS,2008), várias são as formas e estratégias levadas a efeito por aqueles que fazem do ódio sua razão e ação.

Diante deste quadro geral não causa surpresa que a Internet, a mais nova mídia inserida no contexto social contemporâneo, seja usada para difundir, disseminar, obter adeptos e simpatizantes para e por movimentos de ódio. A maior, mais rápida e mais aberta e acessível rede de comunicação já criada pela humanidade é palco profícuo para a circulação e articulação política em qualquer escala, de movimentos anti-globalização à circulação de mensagens e manifestos terroristas árabes passando por antigos movimentos – como a Norte-Americana Ku Klux Klan – que renascem na rede.

A rede se mostra como uma nova dimensão do real da sociedade. Pensar nos movimentos de ódio como fruto ou tendo na rede sua fonte é um erro. Por mais óbvio que pareça, a rede não é uma entidade separada da sociedade. Pelo contrário, reflete da maneira mais ampla e transparente as características e movimentos que circulam na sociedade. Por

isso muitos movimentos e grupos, alijados de espaço nas redes midiáticas comerciais, encontram na rede das redes lugar privilegiado para mostrar suas posições e argumentos.

Desde os tempos das BBS's⁵ os movimentos neo-nazistas (DIAS, 2008) já circulavam seus discursos. Mas se neste tempo o acesso a rede era limitado, hoje já atinge camadas significativas da população, tanto quantitativa quanto qualitativamente, e podemos imaginar milhares de *webistes* de movimentos extremistas de várias fontes. O Brasil, logicamente, não está imune a esta realidade. A prática do *CyberBullyng*⁶ é talvez a mais leve e comum prática do ódio na rede. Criar páginas e perfis falsos de pessoas, citando-as como homossexuais, corruptas ou criminosas é prática comum e fruto de dezenas de processos judiciais.

Mas talvez esta seja a forma mais leve de manifestação do ódio. Páginas de comunidades racistas, grupos de perseguição a homossexuais, torcidas organizadas combinando brigas e planejando ações contra torcidas de times adversários abundam na rede. Mas o racismo, o nazismo e o revisionismo são o expoente maior. Há pelo menos quinhentos em domínio Brasileiro (DIAS, 2008). Blogs (DOIG, 2008), fóruns de discussão, *websites* com charges, símbolos ou argumentos de variam do historicismo à biologia passando ela mitologia defendem e “lutam pela supremacia ariana” (idem), denunciando os riscos dos casamentos inter-raciais e elegendo critérios para observar e uma pessoas pertence a raça ariana ou já tem um alto grau de miscigenação.

O incitamento a ódio através da Internet não é diferente do incitamento através de um jornal, de um panfleto, um livro ou mesmo dentro uma torcida organizada. A diferença, naturalmente, está no alcance destes discursos e argumentos. A Internet fornece aos movimentos de ódio uma maneira fácil e de custo baixo de levar a – potencialmente – milhões de pessoas suas visões e pensamentos. Além disso, as próprias características interativas e a multiplicidade de linguagens que o meio suporta – áudio, vídeo, texto, fotografia, etc. – são,

⁵ Bulletin Board Systems, sistema de inserção de notas e notícias distribuídas muito anterior a WWW.

⁶ Segundo a Wikipedia, “**Bullying** é um termo de origem inglesa utilizado para descrever atos de violência física ou psicológica, intencionais e repetidos, praticados por um indivíduo (*bully*) ou grupo de indivíduos com o objetivo de intimidar ou agredir outro indivíduo (ou grupo de indivíduos) incapaz/es de se defender. A palavra "Bully" significa "valentão", o autor das agressões. Logo, por cyberbullyng podmeos entender a prática do Bullyng usando redes de comunicação informatizadas.

em si, elementos de persuasão, de conquista do usuário, e podem se articuladas como forma de exposição e construção dão discurso odioso.

No jogo de xadrez da guerra de ideologias do mundo contemporâneo, a Internet se torna lugar privilegiado de acesso e circulação. Ao quebrar a lógica de emissão unidirecional das mídias que a antecedem, a Internet inaugurou uma lógica midiática de cunho mais horizontal, mais amplo e aberto, onde pessoas com mínimos conhecimentos técnicos são potenciais emissores, geradores de conteúdos e de informação que circula através das máquinas informatizadas. Os *Blogs*, diários pessoais cuja temática se forma diretamente em função e decisão dos usuários, e cuja tecnologia semi-automatizada permite que qualquer pessoa que use um editor de texto e tenha acesso a rede possa inserir conteúdos diversos, são talvez o mais recente e melhor exemplo deste potencial da rede das redes.

Mas este é um fenômeno de duas faces, pois permite que se construa a argumentação usando de várias fontes e linguagens diferentes, estabelecendo *links* de acesso imediato com outros pontos da rede e focando em públicos específicos ou generalizando. Isto tudo sem ser rebatido ou ser desafiado a provar seus argumentos por nenhuma pessoa, dentro ou fora da rede.

Aí reside um dos riscos da Internet. Por mais que a rede dê suporte a elementos e recursos interativos, de troca e debate entre emissores e receptores dos conteúdos, isto não significa que estes sejam necessariamente usados ou fiquem disponíveis. Assim, basta a um anti-semita selecionar seus argumentos preferidos em prol do revisionismo do Holocausto para ser localizado através de qualquer mecanismo e sistema de busca e atingir pessoas em todas as partes do planeta. E por mais que grupos e instituições sociais invistam e façam esforços para esclarecer os usuários, estes podem não chegar àqueles atingidos pela mensagem original, que podem ser cooptados pelo movimento.

Novamente entra em campo a subjetividade da pessoa que procura este tipo de conteúdo. Facilmente poderíamos dizer que os argumentos odiosos só iriam atingir pessoas com tendência a concordar ou se aliar a este tipo de conteúdo. Mas a máscara de racionalismo e cientificismo (DIAS, 2008; GAYLIN, 2004; HARRIS, 2007) que certos argumentos podem apresentar, elencando razões e fatos das mais variadas fontes ao mesmo tempo em que

esconde as verdadeiras razões e intenções do emissor, pode ser um fator a favor do odioso. Ora, como duvidar de argumentos fundamentados numa biologia que cria clones ou medicamentos cada vez mais eficazes? Como questionar alguém que diz conhecer tão profundamente um tem a ponto de usar da mais pura e avançada ciência para compor sua argumentação?

Dias (2008) demonstrou em sua pesquisa sobre o Neo-Nazismo na Internet que argumentos de ordem biológica, especialmente a genética, são o ponto central de muitos websites e comunidades, onde a falta de informação ou mesmo a não desconfiança da ciência pode se tornar elemento de conquista deste receptor na rede, e o número de sites de incitação ao ódio contra raças, estilos de vida, classes sociais, etc., tem crescido exponencialmente, levando a movimentos no sentido de rastrear e denunciar estes espaços.

E resultados dessa natureza não são exclusivos do Brasil. Pesquisas do Centro Simom Wiesenthal⁷ rastreou mais de três mil websites de ódio digital em língua Inglesa, pregando desde o anti-semitismo até o ódio contra homossexuais, passando por incitações ao terrorismo e ao ódio entre nações. Até mesmo a Ku Klux Klan (PETROSIN, 2008) grupo racista norte-americano, ressurge na Internet pregando a supremacia branca e buscando adeptos para sua causa.

Em comum estes websites, grupos e estas comunidades digitais tem (DIAS, 2008; DUFFY, 2008; PETROSIN, 2008) a construção de discursos e fatos baseados numa fenomenologia social de cunho fantasioso. Dizer que os brancos são genética e, conseqüentemente, racialmente superiores; que os judeus comandam grupos financeiros internacionais que conspiram contra os países em desenvolvimento; que a presença de estrangeiros coloca em risco os empregos e a economia de um país são argumentos comuns, usuais destes movimentos.

Em comum também temos a presença de fatos reais, noticiados na mídia, como fonte de argumentação. Segundo alguns destes websites, o ataque de onze de setembro, por exemplo, tratou-se de uma conspiração das agências de segurança norte-americanas para justificar a conquista do rico produtor de petróleo Iraque. Os estudantes asiáticos nos campus

estão tomando o espaço justo e merecido dos nascidos nos Estados Unidos ou Inglaterra. E isso se manifesta em crimes reais, como espancamentos e assassinatos, contra asiáticos, muçulmanos, homossexuais, judeus e todo e qualquer grupo étnico ou cultural que seja fonte de ameaça, como forte e amplamente visto em pesquisas e notícias da mídia.

Pergunta-se, então, por que permitir a atuação destes grupos. No caso norte-americano a primeira emenda da constituição garante a liberdade de expressão, sendo o argumento usado para o não banimento de sites de cunho racista ou odioso (BAND, 2008). No caso Brasileiro os limites e a lentidão do sistema judiciário, somado a barreiras criadas por grupos empresariais como o Google, que se recusa a colaborar com investigações do Ministério Público, facilitam a atuação de grupos desta natureza.

Acima de tudo isso estão as alianças de ódio internacional. Um movimento Brasileiro pode se lincar e coordenar esforços em conjunto com um grupo extremistas islâmico da Palestina ou com um grupo racista do sul dos Estados Unidos, levando a mensagem, as idéias e recrutando apoiadores, que levam suporte logístico, financeiros, etc. aos grupos.

E as comunidades e redes de relacionamento não fogem a este processo. Ao contrário, parecem tornar-se terreno fértil para a proliferação do ódio. Segundo a SaferNet, organização fundada em 2005 no Brasil para registrar e encaminhar denúncias de crimes na rede, mais de noventa por cento (93,5%, para ser exato⁸) das denúncias de crimes em geral, como pedofilia, homofobia, ódio contra animais, dentre tantos outros, são de perfis e comunidades criminosas no ORKUT.

Banir estes movimentos, individuais ou coletivos, é um desafio. Primeiramente porque por trás da palavra “ódio” pode estar, na verdade, apenas um sentimento de rejeição manifestado em palavras extremas ou mesmo uma estratégia de “brincar” com as pessoas. Em segundo lugar, porque movimentos de cerceamento ou controle deste tipo de conteúdo navegam na fronteira da liberdade de expressão, no fio da navalha da censura, contrária a o princípio máximo da liberdade democrática que pauta os regimes ocidentais. Em terceiro

⁷ Fonte: http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2001/010830_racismonet.shtml [01/2008]

⁸ Fonte: <http://www.denunciar.org.br/twiki/bin/view/Noticia2006311162240>

lugar a característica transnacional da rede, como já citamos, somada a facilidade de se criar perfis falsos, permite facilmente que um grupo se desloque entre diversos provedores, ficando fora do alcance da justiça. A relutância do Google em fornecer dados e informações de usuários identificados pela polícia Brasileira⁹, usando a lei norte-americana como escudo, mostra as barreiras encontradas pela justiça pra punir os responsáveis pela propagação do ódio na rede.

Assim, o ódio e os movimentos organizados seguem propagando sua ideologia, seus sentimentos e argumentos pelo mundo através das páginas da rede das redes, criando simpatizantes e cooptando militantes para suas acusações, em movimentos que podem – ou não – ter reflexos diretos na sociedade.

3. Metodologia

Com vemos até agora, a Internet apresenta amplo e forte potencial para a manifestação, disseminação e propagação do ódio. Não somente websites, *blogs* e comunidades, mas também grupos de discussão, boletins eletrônicos, e todas as formas e linguagens suportadas pela tecnologia do meio são utilizados por aqueles que desejam propagar e conquistar apoio para suas idéias odientas (DIAS, 2008; DOIG, 2008).

Os diversos trabalhos e pesquisas citados até agora mostram que há diferentes formas e estratégias de propagação do ódio em seus diferentes focos. *Websites* se mostram como espaços mais estáticos, num modelo mais difusionista, contendo argumentos para propagar a ideologia do odiento¹⁰. Já meios mais – digamos - interativos, como listas de e-mail, salas de bate-papo, comunidades ou grupos de discussão se mostram como a possibilidade da criação de um senso de comunidade e de identidade essencial – para não dizer indispensável – para a persuasão¹¹.

A articulação destas linguagens reforça a ideologia, os conteúdos odientos, formando a camada de discursos que buscam a persuasão dos sujeitos que poderão se tornar novos membros, tornando a Internet um lugar de construção da visibilidade e estratégias de

⁹ Fonte: http://www.bbc.co.uk/portuguese/2001/010830_racismonet.shtml

¹⁰ Reevaluating the Net - ver referência no final do texto

mobilização, como uma dimensão discursiva e de ações persuasivas e de propaganda dos movimentos organizados de ódio. Assim, nosso trabalho se foca em identificar as estratégias persuasivas de movimentos de ódio na Internet em língua portuguesa. De forma mais específica, são objetivos de nosso trabalho e desta construção metodológica:

- identificar os tipos de ódio mais presentes na Internet em Português;
- analisar o discurso utilizados por estes movimentos;
- observar as relações que estes movimentos estabelecem através da Internet;
- estabelecer um rastreamento inicial dos movimentos de ódio na Internet em

língua Portuguesa.

Tendo isto em vista estes objetivos, optamos por concentrar nossos esforços de pesquisa nas comunidades virtuais no ORKUT, citado como o principal foco de atuação e denúncias de abusos e discriminações¹², utilizando de estratégias quantitativas, qualitativas e seus cruzamentos.

Para tanto buscamos a Análise de Conteúdo, definida como um “conjunto de técnicas de análise das comunicações” (BARDIN, 1977) que aposta grandemente no rigor do método para evitar riscos oriundos das características dos objetos, possibilitando ir além das aparências, dos níveis mais superficiais do texto¹³, ofertando a possibilidade de observar os planos subjetivos, as condições de produção e mesmos elementos ideológicos presentes na manifestação textual.

Ao mesmo tempo, a análise do conteúdo permite observar o que os textos manifestam, “materializam” de forma independente do processo de pesquisas, mas sim com foco nas situações e no ambiente social em que os sujeitos convivem, revelando as intenções e objetivos deste texto e, assim, a realidade de fundo que o sujeito construtor do texto convive. Além disso, a análise de conteúdo oferta a possibilidades de comparações estatísticas e matemáticas entre universos de pesquisa aproximados, facilitando a comparações entre os

¹¹ Cyberhate Revisited - ver referência no final do texto

¹² Lembramos da pesquisa da rede SaferNet (www.denunciar.org.br) que cita que o ORKUT é fonte de aproximadamente 93% das denúncias feitas.

¹³ Não entremos no cerne do debate semiológico que coloca tanto um parágrafo escrito quanto uma imagem ou um desenho como “textos”.

mesmos, ao mesmo tempo em que permite investir sobre os textos buscando suas significações e – possíveis – efeitos.

Por isso, nos focaremos – e nisto seguimos os principais trabalhos com que travamos contato – nos textos escritos presentes nas páginas iniciais das comunidades do ORKUT. As imagens, quando se fizerem presentes, serão tratadas como ilustrações aos textos, e contextualizadas a partir destas informações. As análises e descrições irão se misturar no mesmo texto em nosso trabalho, pois buscamos apresentar aos leitores os objetos em sua plena manifestação e complexidade.

Como sabemos, o ORKUT é um sistema fechado que necessita de cadastro específico para acesso, impedindo o uso de ferramentas de rastreamento como sistemas de mineração de dados. Para tanto seria necessária uma autorização do proprietário do ORKUT, o grupo empresarial Google, para efetuar tal pesquisa, o que frente a recusa do grupo em colaborar com ações do Ministério Público nos leva a imaginar que tal autorização seja de difícil obtenção.

Entretanto, o sistema do ORKUT oferta recursos de busca semelhantes em formato e resultados aos mecanismos de busca comuns na rede, como Google e AltaVista. Por isso, usaremos combinações de expressões e através de chaves de satisfação e fechamento Booleanas¹⁴. Assim, nosso processo de pesquisa e localização das comunidades de ódio se articula a partir da busca Booleana na ferramenta de busca ORKUT.

Na pesquisa Booleana a busca se dá através de uma expressão ou frase contendo os elementos em foco. Assim, por exemplo, para ser localizada a frase “limão com açúcar” é necessário usar uma expressão como “limão AND açúcar” ou colocar expressão entre aspas, fechando-a. Estas formas citadas, uso de aspas para fechamento ou da expressão “AND” (que em alguns sistemas pode ser substituído pelo sinal matemático da soma ou o “&”) são as mais comuns e aceitas. Da mesma forma, podemos eliminar termos e expressões usando o sinal matemático de subtração ou o termo “NOT” entre as palavras ou pesquisar páginas com apenas uma das expressões usando o operador “OR”.

¹⁴ Estas chaves são chamadas de Booleanas porque se baseiam em princípios matemáticos desenvolvidos pelo inglês Charles Boole.

A vantagem ofertada por este tipo de pesquisa é um fechamento maior do universo pesquisado, pois se tentássemos localizar, por exemplo, “ódio aos judeus” os sistemas naturalmente retornariam todas as páginas que contém a palavra “ódio”, todas as páginas que contém “judeus” e também todas as que contém a palavra “aos”, gerando naturalmente um universo muito amplo de resultados, impossível de ser analisado. O uso das chaves Booleanas se justifica justamente por ofertar um instrumental de localização com maior foco dentro do universo caótico das comunidades e páginas do ORKUT.

Neste ponto devemos lembrar que apenas conter a palavra “ódio” ou expressão “eu odeio” não qualifica, *a priori*, um determinado *website* ou comunidade como elemento de debate e propagação do ódio, pois estas expressões são um certo “lugar comum”, e o ódio, como já colocamos, pode estar explícito ou implícito em argumentos de cunho social, científico ou histórico.

Podemos imaginar, então, que os diferentes tipos de ódio – homofobia, anti-semitismo, etc. – citados anteriormente neste trabalho irão articular diferentes tipos de argumentos. Nisto reside o primeiro desafio de nosso trabalho: localizar através dos sistemas de pesquisas com uso de combinações Booleanas, comunidades que citem ou advoguem, em seus conteúdos, “violência contra”, “separação de”, “decepção por”, “agir contra” (algo ou alguém), “rejeição a”, “superioridade sobre”.

Nota-se que estas expressões já vinculam aos diferentes tipos e características do ódio, citados anteriormente neste trabalho. Surgem, daí, nossas categorias de pesquisa e análise, oriundas das próprias características e manifestações do ódio. Recordando:

- Xenofobia – ódio ao estrangeiro, o que é estranho a sua cultura;
- Misantropia – rejeição ao ser humano;
- Homofobia – ódio aos homossexuais, homens ou mulheres;
- Misoginia – rejeição ao feminino;
- Misndria – ódio ao masculino;
- Anti-semitismo – ódio dirigido aos judeus;
- Outros – manifestações que não se enquadrem nas anteriores.

Ou seja, cada tipo de ódio citado e descrito anteriormente sustenta uma categoria de análise de nossa pesquisa, permitindo uma visão comparativa entre a presença, prevalência e formas de manifestação dos mesmos na Internet em português, e será tratado em capítulo específico de nossa análise.

Os resultados das pesquisas das diferentes expressões serão separadas, categorizadas e organizadas em tabelas quantitativas, apresentando os resultados numéricos obtidos. Ao final, será feita uma totalização dos resultados, onde observaremos a prevalência quantitativa de cada um dos tipos de ódio no ORKUT em língua Portuguesa.

Mas, como já citamos, as possibilidades de receber um grande número de comunidades a cada pesquisa é uma realidade presente em todos os passos desta metodologia. Assim, estabelecemos como critério de seleção das comunidades a serem analisadas mais detalhadamente o número de membros da mesma, uma vez que isto aponta para uma maior possibilidade de efeitos. Assim, a maior comunidade localizada em cada expressão, articulada com o texto da expressão, será analisada mais profundamente, em capítulo específico seqüente a análise quantitativa, focando nos textos e imagens presentes nas páginas de apresentação das mesmas.

Neste ponto devemos observar que a própria caracterização e categorização de cada comunidades localizada passa, necessariamente, pela análise dos textos e imagens presentes nas páginas iniciais das mesmas. Como o número de comunidades localizadas pode ser muito grande, o que pode dificultar a observação das mesmas, lembramos que o ORKUT apresenta um breve resumo dos textos apresentados pela comunidade na listagem dos resultados de pesquisa, sendo este o elemento usado como forma de seleção e categorização.

Entretanto, como citamos em nossos objetivos, utilizaremos também da análise de discurso, dentro da corrente que se constitui a partir do final dos anos 1970, procurando “colocar em evidência as particularidades de formações discursivas (o discurso comunista, socialista, etc.)” (MAINGUENEAU, 1997, P. 21), que nos leva a entender os textos produzidos como elementos oriundos de uma prática social, não individual, que permite extrair de sua construção uma determinada visão de mundo, vinculada a seus autores.

Estes textos nos permitirão entrar no foco das estratégias persuasivas presentes nos textos das comunidades e movimentos identificados, efetuaremos uma análise mais aprofundada para extrair os elementos usados para construir a argumentação. Por isso, nos focaremos em identificar, nestes textos, as expressões de cunho odiento e suas relações dinâmicas com os demais termos presentes.

Como tempo de registros escolhemos um período de três a seis meses após a seção de qualificação. A forma de registro das informações para análise será a captura das telas e a cópia das páginas, formando um registro duplo que visa prevenir a perda de dados. As telas capturadas serão apresentadas durante o texto de análise.

3.3. Cronograma

Abaixo inserimos o cronograma das atividades necessárias para a construção de nosso trabalho de pesquisa, bem como a dimensão temporal e as relações entre, de forma a organizar nossas atividades e procedimentos de pesquisa.

Atividade	Mês/ano																	
	2008						2009											
	7	8	9	10	11	12	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12
Construção inicial do texto da tese – texto teórico	X	X	X	X	X													
Localização / rastreamento						X	X											
Categorização das comunidades						X	X	X										
Produção da tese - análises								X	X	X	X	X	X	X	X	X		
Revisão																X	X	
Defesa																	X	X

4. Resultados preliminares

Neste capítulo iremos apresentar resultados preliminares obtidos com nossa metodologia. Por tratar-se de um teste inicial, que objetiva obter elementos para debate sobre os procedimentos de pesquisa e análise, nos permitiremos focar em apenas dois tipos de ódio, xenofobia e homofobia, e nestes usaremos apenas uma expressão de pesquisa para efetuar a busca e a análise de cada tipo. Inicialmente trazemos um breve texto apresentando as características do tipo de ódio pesquisado, seguida da descrição e análise dos resultados.

4.1. Xenofobia

Como colocado em nosso capítulo dois, a xenofobia se caracteriza por uma aversão a algo ou alguém cuja cultura, raça ou mesmo língua seja estranha a nossa. Ou seja, a xenofobia se mostra através de uma manifestação de ódio específica, que irá sobre-valorizar a cultura, raça e valores de um determinado grupo social frente aos demais, ao mesmo tempo em que pregará um afastamento ou mesmo argumentará a necessidade de subjugar o outro. Frente a isto decidimos localizar movimentos xenófobos através das seguintes expressões:

- SEPARATISMO;
- RAÇA INFERIOR;
- SOU CONTRA O BRASIL;
- FORA ESTRANGEIROS.

Outras expressões estão em análise e construção, e neste momento nos focaremos apenas no separatismo.

4.1.1. Separatismo¹⁵

Pesquisa no ORKUT usando o termo **SEPARATISMO** no campo de busca de comunidades retornou mais de mil resultados, entre tópicos de discussão, páginas pessoais, usuários e comunidades. Focando apenas nas comunidades, uma vez que buscamos identificar as mesmas e seus discursos, observamos vinte e cinco comunidades com diferentes temáticas,

com as seguintes características:

- sete (07) se mostravam como comunidades pró-separatistas do sul do país;
- quatro (04) pró-separação do estado de São Paulo;
- três (03) contra o separatismo do sul;
- cinco (05) comunidades contra o separatismo no Brasil;
- duas (02) comunidade proposta a discutir o separatismo no Brasil;
- uma (01) pró-separatismo da cidade de Ribeirão Preto;
- uma (01) pró-separação do Rio de Janeiro;
- uma (01) comunidade vegetariana radical;
- uma (01) comunidade sobre separação da Psicologia.

A partir dos títulos e textos das mesmas, apresentados na tela de pesquisa, podemos organizá-las da seguinte forma (tabela 4.1):

Tipo	Títulos das comunidades (número de membros)¹⁶
Pró-separatistas do sul	Separatismo agora! (1.341) Separatismo RS (56) SEPARATISMO! Pampa, meu País. (40) VIVA AO SEPARATISMO (39) SEPARATISMO! O SUL É MEU PAÍS! (12) Separem o RS, separatismo já! (7) Separatismo. (01)
Pró-separação de São Paulo	Separatismo agora - São Paulo (223) Separatismo - Grupos Paulistas (96) Separatismo Já! (8) SEPARATISMO PAULISTA de 1887 (00)
Contra o separatismo do sul	Separatismo do SUL é o CARALHO (960) NAO AO SEPARATISMO (1) Eu sou contra o separatismo!!! (01)
Contra o separatismo no Brasil	Eu sou contra o separatismo! (148) Separatismo Nunca!!! (91) Anti-Separatismo (53) Separatismo no Brasil?!?! (9) Separatismo? HA HA! (6)
Pró-separatismo no Brasil (sem foco definido)	separatismo (32) Independentismo (Separatismo!) (13)
Comunidade de discussão do	Separatismo, Para que isso? (260)

¹⁵ Pesquisa realizada em 14/05/2008 (dezesesseis de maio do ano de dois mil e oito).

¹⁶ Cabe citar que os títulos das comunidades forma copiados *ipsis literis* das telas do Orkut.

separatismo no Brasil	
Pró-separatismo da cidade de Ribeirão Preto;	Separatismo Ribeirão Preto (01)
Pró-separação do Rio de Janeiro	RJ DE VERDADE! Separatismo! (01)
Outros	¿Separatismo na Psicologia? (30) Separatismo Vegan (02)

Tabela 4.1 – Comunidades separatistas localizadas no ORKUT

Nas telas de pesquisa (figura 4.1.) o ORKUT mostra informações gerais sobre a comunidade, como categoria (escolhida pelo usuário que criou a mesma), local e um breve resumo das características e foco temático. Focando nestes pequenos textos, podemos observar, quanto aos grupos com atuação pró-separação de estados, que¹⁷:

- os grupos pró-separação do Sul tem argumentos políticos e econômicos, justificando, entre outras, que estão “cansados de sustentar” os outros estados do país, mas os argumentos principais, mais destacados, são de ordem cultural e racial;
- a história separatista da Revolução Farroupilha é um dos elementos da argumentação de alguns grupos separatistas do sul, mas não o principal;
- os grupos pró-separação de São Paulo apresentam principalmente argumentos de fundo econômico;
- a comunidade de Ribeirão Preto se vincula, indiretamente, ao grupo separatista Paulista;
- a comunidade focada na separação do Rio e Janeiro apresenta apenas argumentos contrários ao Brasil;
- os movimentos sulistas usam, como imagem, de uma bandeira com um mapa dos três estados do sul, e criticam fortemente o Brasil, e destacam a cultura e a formação do povo gaúcho.
- estas comunidades pró-separatismo parecem mobilizar mais os usuários do ORKUT, pois somente uma das comunidades tem quase de mil membros;

Já quanto aos grupos contrários a separação ou a movimentos separatistas, podemos observar que as comunidades contrárias ao separatismo ressaltam as características racistas e xenófobas dos argumentos pró-separatistas, muitas vezes vinculando ou

¹⁷ Neste ponto é importante citar que não descrevemos em detalhes os textos de cada comunidade para não estender demasiadamente o trabalho

comparando-as ao Nazismo, usando a bandeira ou o selo federal como imagem para ressaltar seu apoio e sua “Brasilidade”.

4.1.1.1. Separatismo agora!

Focando na maior comunidade localizada, como mais de mil membros cadastrados, vemos que na página inicial está citada a forma de distribuição do poder entre as capitais e o que pretendem que seja o novo país. Ao mesmo tempo, cita as composições étnicas do novo país, mostrando em números (apenas, sem maiores comentários) a predominância branca da população. O texto de descrição da comunidade apresentava os seguintes dados:

“Capital Administrativa: Curitiba.

Capital Econômica: Porto Alegre

Capital Política: Florianópolis.

Composição: brancos e amarelos: 84,16%; 12,40%; negra: 3,99%; negra: 0,16%.

Entre e faça parte dessa comunidade para alcançar o sonho de um novo país, mais justo e igualitário. Suas idéias serão de grande utilidade para alicerçar esse novo país.

Entre e seja bem-vindo.”“.

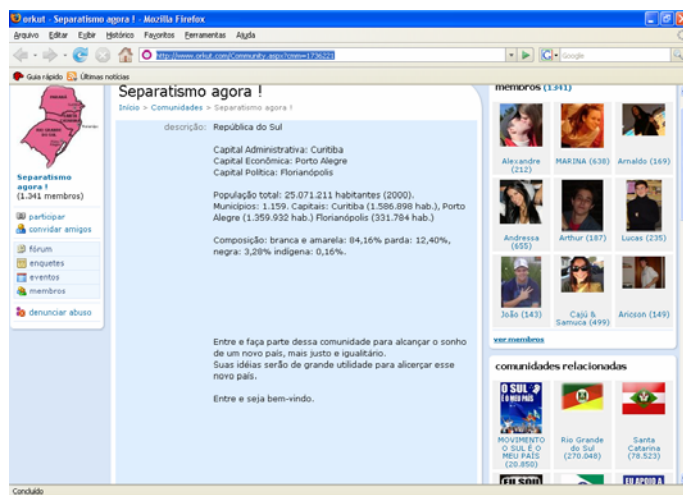


Fig 4.2 - Página inicial do movimento “Separatismo agora!”
(<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=1736221>)

A divisão e organização do poder entre as capitais parecem mostrar a busca de uma integração e equilíbrio entre os estados participantes, mas a citação da composição racial da população demonstra o cunho xenófobo e racista da comunidade. Isto, por is só, já se mostra como um argumento persuasivo, pois na medida em que o texto oferta equilíbrio e divisão de poder entre os estados componentes do novo país que propõem, pode gerar simpatia pela idéia de inclusão e equilíbrio de todos os cidadãos.

Por outro lado, e mesmo que de forma não direta, a simples citação da composição étnica da população já demonstra que a comunidade sustenta sua argumentação baseada em questões raciais. Ou seja, apesar de ter em seu título uma característica xenófoba, esta comunidade parece se sustentar mais fortemente em argumentos racistas. Ora, qual a relevância, para um novo país, de sua formação étnica e racial? Qual seria a motivação de colocar tal tipo de informação se não mostrar um benefício? Assim, mesmo de forma indireta, velada, o fundador da comunidade mostra um pensamento e atitude sectária, aparentemente racista, a partir do qual parece também querer sustentar sua idéia e conquistar o apoio dos demais.

O texto de apresentação da comunidade segue convidando para fazer “parte dessa comunidade para alcançar o sonho de um novo país, mais justo e igualitário. Suas idéias serão de grande utilidade para alicerçar esse novo país¹⁸”, e ameaçando quem “avacalhar” de punições. Observamos aí, após as questões raciais, o argumento xenófobo, julgando o Brasil como um lugar injusto e desigual, aparentemente ao contrário do novo país que pretendem. Finalmente, apesar do ORKUT ofertar enquetes e grupos de discussão para as comunidades, não observamos o uso destes recursos.

Buscando mais informações acessamos o perfil pessoal do fundador¹⁹. O mesmo parece buscar esconder sua origem ou identidade, pois não coloca sua cidade ou estado de origem. Mas seu perfil mostra um forte posicionamento político, contrário ao PT e colocando

¹⁸ <http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=1736221>

elemento de filosofia política e social, falando da “dialética histórica” e da necessidade de “atrapalhar o PT”. Vemos que o autor parece ter um perfil e atitudes extremadas, contrárias àqueles que não dividem de suas idéias e seus pensamentos.

Vemos, assim, a partir da pesquisa do termo SEPARATISMO, que o este aparece com razoável frequência nas comunidades do ORKUT. A maioria das comunidades a favor deste tipo de posicionamento, nos resumos apresentados na tela de pesquisa, encerra argumentos xenófobos, principalmente de cunho econômico e político, criticando o Brasil, sua formação e a política nacional, onde a história e a cultura dos estados separatistas parecem ser o elemento principal de construção e suporte da argumentação.

E, se observarmos o número de membros veremos, que as comunidades pró-separatistas parecem mobilizar mais os usuários. Assim, de forma geral, articulando os resultados quantitativos, vemos que o separatismo se mostra como elemento presente nas comunidades do ORKUT, apresentando principalmente comunidades contrárias a este tipo de idéia, e escondendo em sua argumentação elementos xenófobos e também – se não principalmente - racistas.

4.2. Homofobia

Homofobia é o medo de quem gosta do igual, um tipo de ódio dirigido diretamente aos homossexuais homens ou mulheres, centrado na negação de uma identidade sexual diferente do sexo que a pessoa nasceu. Palavras como “bicha” e “sapatão” são comumente usadas para referir, (des)qualificar e mesmo ofender pessoas de orientação homossexual. Assim, utilizamos para pesquisa estes termos, combinados com palavras de negação como “fora” e “sujos”, bem como expressões comuns a piadas e ao humor, como “bichas”, “veadinhos” para localizar as comunidades. De forma mais específicas, expressos usadas para pesquisa forma:

- SAPATÃO;
- FORA GAYS;
- LÉSBICAS SUJAS;

¹⁹ <http://www.orkut.com/Profile.aspx?uid=15584035062263133221>. Não citamos o nome por razões de ordem ética.

- SEX anda VERGONHA.

Da mesma forma, outras expressões e combinações estão em análise e construção

4.2.1. SAPATÃO

Optamos por iniciar nossa busca com o termo “Sapatão” baseados na clássica marchinha apresentada no programa de TV Cassino do Chacrinha:

*“Maria sapatão, sapatão, sapatão
De dia é Maria, de noite é João”²⁰*

A origem da referência de sapatão a mulher de orientação homossexual é, para nós, desconhecida neste momento, mas certamente teve nesta marcha um elemento forte de afirmação em nossa cultura. O trecho “de dia é Maria, de noite é João” encerra o foco na questão da sexualidade feminina, mas negando esta na medida em que coloca a dualidade masculina da mesma, negando em si a preferência de escolha da mulher.

A busca pelo termo “sapatão”, realizada no dia dezessete de maio de dois mil e oito (17/08/2008) no ORKUT, retornou quinhentas e vinte e quatro (524) comunidades em português, com focos variados, desde comunidades masculinas como “meu lado feminino é sapatão²¹” (4.437 membros) e “se não me quer é sapatão²²” (3.065 membros) até comunidades de afirmação lésbica como “sou sapatão, e daí²³” (261 membros) passando por comunidades como “o Gugu é sapatão?”²⁴ (1.160 membros).

Estes resultados se mostraram excessivamente díspares para qualificar a pesquisa, uma vez que a maioria das comunidades observadas – o que pode ser visto nos exemplos acima – pareciam ter um foco mais humorístico e sarcástico do que odioso. Assim, adicionamos, então, a expressão “não gosto”, usando a combinação Booleana “&” com a

²⁰ Trecho de marchinha composta e apresentada no programa televisivo “Cassino do Chacrinha” nos anos 80.

²¹ <http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=1000005>

²² <http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=6377422>

²³ <http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=17339728>

²⁴ Gugu é apresentador de TV na rede SBT. <http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=1000399>

expressão “sapatão” para ofertar mais foco a pesquisa. Esta retornou apenas dois resultados, sendo estes “não gosto de viado e sapatão”²⁵ (08 membros) e “não gosto de ficar com sapata”²⁶ (06 membros). Utilizando como critério de quantidade de membros selecionamos a primeira comunidade para análise.

4.1.2.1 - NÃO GOSTO DE VIADO E SAPATÃO

Inicialmente cabe citar o título da comunidade, que contém um erro de grafia, pois em português o nome do animal usado para referenciar os homossexuais masculinos escreve-se “veado”. A página da comunidade apresentava o texto:

“PARA QUEM NAO GOSTA TENHA VERGONHA E VALORIZE O Q VC E SEJA HOMEM OU MULHER NAO VIRE SEJA.”

O texto é simples e mostra uma construção sem os sinais de pontuação e sem o uso de acentos gráficos nas palavras, elemento cuja razão não podemos imaginar. Colocando na grafia correta por nós imaginada, o texto apresentaria a seguinte construção:

“PARA QUEM NÃO GOSTA, TENHA VERGONHA E VALORIZE O Q(eu) V(o)C(ê) É. SEJA HOMEM OU MULHER NÃO VIRE, SEJA.”

O texto parece um tanto confuso e com problemas de construção, mas apresenta a posição homofóbica da comunidade. Inicialmente a própria expressão “não gosta”, já colocada no título, demonstra a homofobia. Já a expressão “tenha vergonha e valorize o que você é” somado a “homem ou mulher” reforça este posicionamento, colocado num tom imperativo passado pela expressão “seja”.

O jogo de palavras “seja homem ou mulher na vire, seja (...)” reforça esta visão, mostrando a visão da comunidade é que se tornar algo diferente do que nasceu é algo a ser evitado”. Já a palavra “vire” passa a impressão de que a questão sexual é apenas uma opção a ser selecionada ou, no caso do homossexualismo, evitada.

²⁵ <http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=32526440>

²⁶ <http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=41919824>

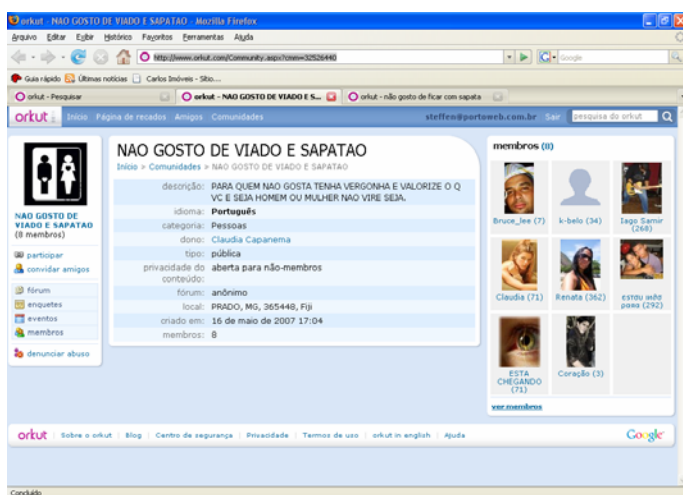


Fig. 4.2 – tela da comunidade “não gosto de viado e sapatão”

No tocante as ferramentas disponibilizadas pelo ORKUT, vemos que a comunidade não os utiliza.



Fig. 4.3 – imagem da comunidade “não gosto de viado e sapatão”

A imagem associada à comunidade (figura 4.3) apresenta uma característica específica, com o ícone de um homem e de uma mulher em preto e branco. Em ambos há um pequeno coração vazado sobre o fundo. Observamos nesta imagem que o coração feminino está colocado no peito, na posição biologicamente correta, enquanto que o coração masculino está situado nos quadris, sobre o local do pênis.

O coração é ícone do sentimento, do amor, da paixão. A posição deles na imagem passa a impressão de que o amor feminino é ligado ao coração, enquanto o masculino seria ligado à questão sexual, ao órgão específico. Assim, fica desta imagem a impressão da

sobreposição da questão sexual masculina acima do sentimento, desconectando o sexo do amor, o que reforça a identidade homofóbica desta comunidade.

4.3. Comentários prévios

Baseados nestes resultados preliminares observamos que, nas comunidades do ORKUT, o ódio se manifesta muita mais fortemente de forma sarcástica, humorística, debochada, velada, do tipo diz-se uma coisa e leia-se outra. Se as questões políticas e econômicas são a fonte da argumentação das comunidades pró-separatistas, os movimentos contra o separatismo debocham e ironizam estes, a ponto de usar palavrões no título.

No tocante a homofobia vemos que este se manifesta de forma mais humorada, sarcástica, debochada e de negação, como o exemplo “meu lado feminino é sapatão”²⁷ que ao mesmo tempo mascara os diversos tipos de ódio e preconceito que existem e circulam na sociedade, tratando a diferença, o diferente e aquilo que causa algum tipo de incomodo.

Assim, fica a impressão que os tipos de ódio citados em nossa construção teórica são menos presentes e tem menos força do que os movimentos e comunidades contrários aos focos do ódio, pois este se mostra muito mais de uma forma velada, humorística do que clara, com argumentação.

Mas, claramente, os resultados aqui apresentados são iniciais, indiciais, e carecem de uma pesquisa mais aprofundada sobre os demais tipos e manifestações do ódio para comprovação.

²⁷ <http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=1000005>

Referências Bibliográficas

- HARRIS, Bob. **Who hates whom**. Three Rivers Press, 2007.
- WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Presença, 2002, p. 19-110.
- GOMES, Pedro Gilberto. **Tópicos de Teoria da Comunicação**. São Leopoldo: UNISNOS, 2001.
- BROWN, J.A.C. **Técnicas de Persuasão**. Rio de Janeiro, ZAHAR Editores, 1976.
- GLUKSMAN, André. **O discurso do ódio**. Rio de Janeiro, DIFEL, 2007.
- GÓES, Joaci. **Anatomia do ódio**. Rio de Janeiro, TopBooks, 2004.
- FADIMAN, James. **Teorias da Personalidade**. São Paulo, HARBRA, 1986.
- DOZIER, Rush W. **Why we hate: understandin, curbing and eliminating hate in ourselves and our world**. MacGraw-Hill, 2002.
- GAYLIN, Wiliam. **Hatred: the psychological descent into violence**. PublicAffairs, 2003.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa, Edições 70, 1977
- MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise de discurso**. Campinas: Pontes, 1997.
- GRAMSCI, Antonio. **Maquiavel, a política e o estado moderno**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.
- ROIZ, Miguel. **La sociedade Persuasora**. Ediciones Paidós Ibérica, Buenos Aires, 2002.
- NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. **Na malha da Rede: os impactos íntimos da Internet**. Rio de Janeiro, Campus, 1998.
- PINTO, Virgilio B. Noya. **Das Estradas Persas às Rodovias da Informação** São Paulo, Ed. Página Aberta, 1994, p. 1 a 11.
- ROCHA, Décio; DESUDARÁ, Bruno. **Análise de Conteúdo e Análise do Discurso: aproximações e afastamentos na (re)construção de uma trajetória**. <http://www.scielo.br/pdf/alea/v7n2/a10v7n2.pdf> [04/2008]

PERLS, Frederick S. **Ego, fome e agressão**. São Paulo, Summues Editorail, 2002.

DIAS, Adriana. Links de ódio: o racismo, o revisionismo e o neonazismo na Internet. <http://www.aguaforte.com/osurbanitas4/AdrianaDias2006.html> [01/2008]

DIJK, Teun A. van. **Episodes as units of discourse analysis**. In: Deborah Tannen (Ed.), *Analyzing Discourse: Text and Talk*. (pp. 177-195). Georgetown: Georgetown University Press, 1981. Copiado em <http://www.discourses.org> [05/2008]

_____. **Racism and argumentation: race rito rhetoric in tabloid editorials**.

In: F. H. van Eemeren, et al. (Eds.), *Argumentation illuminated*. (pp. 242-259). Dordrecht: Foris, 1992. Copiado em <http://www.discourses.org> [05/2008]

_____. **Discourse and inequality**. *Lenguas Modernas* (Universidad de Chile), 21 (1994), 19-37. Copiado em <http://www.discourses.org> [05/2008]

LEE, Elissa; LEETS, Laura. **Persuasive Storytelling by Hate Groups Online: Examining Its Effects on Adolescents**. <http://ejournals.ebsco.com/direct.asp?ArticleID=18911X1R9P03NH2V5851> [01/2008]

GERSTENFELD, Phyllis B.; GRANT, Diana R.. CHIANG, Chau-Pu. **Hate Online A Content Analysis of Extremist Internet Sites** <http://ejournals.ebsco.com/direct.asp?ArticleID=6BU5G1P5E3HKD4T03LK1> [02/2008]

DUFFY, Margaret E. **Web of Hate: a Fantasy Theme Analysis of the Rhetorical Vision of Hate Groups Online**. <http://ejournals.ebsco.com/direct.asp?ArticleID=PD86K25J88RNYQJQ40V9>

PETROSIN, C. Turpin. **Hateful Sirens. . .Who Hears Their Song? An Examination of Student Attitudes Toward Hate Groups and Affiliation Potential** <http://ejournals.ebsco.com/direct.asp?ArticleID=KLY7MFLR3TCWEB79NCTD>

BOECKMAN, R. J.; PETROSIN, C. Turpin. **Understanding the Harm of Hate Crime** <http://ejournals.ebsco.com/direct.asp?ArticleID=B9W359T4MBKEP93CATUR>

HULL, Carrie L. **Poststructuralism, Behaviorism and the Problem of Hate Speech** <http://ejournals.ebsco.com/direct.asp?ArticleID=YLRBXV55CUJEUNM6XVUP> [03/2008]

HABER, Joel D.; HABER, Scott B.; **CYBERBULLYING**

<http://proquest.umi.com/pqdweb?index=53&did=1298397861&SrchMode=1&sid=2&Fmt=3&VInst=PROD&VType=PQD&RQT=309&VName=PQD&TS=1205338496&clientId=22430> [03/2008]

AZRIEL, Joshia. **The Internet and Hate Speech: An Examination of the Nuremberg Files Case**

<http://proquest.umi.com/pqdweb?index=3&did=899852491&SrchMode=1&sid=3&Fmt=2&VInst=PROD&VType=PQD&RQT=309&VName=PQD&TS=1205338375&clientId=22430> [03/2008]

DOIG, Will. **HATE IN THE BLOGOSPHERE**

The Advocate. Los Angeles: Feb 26, 2008. , Num. 1002; pg. 28, 3 pgs

FRANKLIN, Raymond A. **THE HATE DIRECTORY.**

<http://www.bcpl.net/~rfrankli/hatedir.htm> [01/2008]

BAND, Jonathan. **Banning Hate Speech Poses Hidden Risks**

<http://www.policybandwidth.com/doc/JBand-HateSpeech.pdf> [03/2008]

SCHAFER, Joseph A. **Spinning the web of hate: web-based hate propagation by extremist organizations.** <http://www.albany.edu/scj/jcipc/vol9is2/schafer.pdf> [03/2008]

HOWARD, Meghan. **The Internet — for good or evil.**

<http://www.megram.com/SYWarticles/SYWMar31.pdf> [03/2008]

Reevaluating the Net, *Intelligence Report Spring 2001*, www.splcenter.org [03/2008]

Cyberhate Revisited.

http://www.ritla.net/index.php?option=com_content&task=view&id=1923&Itemid=147 [03/2008].

Introdução

Introduza aqui o tema do seu trabalho, fornecendo, por exemplo, uma motivação, uma breve revisão do estado-da-arte, o objetivo geral do trabalho e conceitos teóricos necessários para a compreensão do trabalho. As referências devem ser apresentadas no texto na forma (Sobrenome do Autor, ano), por ordem alfabética. Para exemplos, veja a seção “Referências” abaixo.

Metodologia

Explique o que foi feito no trabalho e como foi feito.

Resultados (ou Resultados e Discussão)

É possível escolher entre colocar primeiro os resultados e depois abrir uma seção “Discussão” ou apresentar ambos ao mesmo tempo. Legendas de figura e de tabelas devem ser feitas como mostrado abaixo:

Figura 1 Escreva a legenda da figura abaixo da figura

Tabela I Escreva a legenda da tabela acima da tabela.

Conclusão

Referências

FULANO, R., **Modelo Para Livro**. Local de Edição: Editora. 2008.

HAROLD, J., Título do artigo. **Nome da Revista**. Vol 62, N° 6 (2000), pp. 3689 – 3698.

LOPES, J. M. J., **Título da Dissertação ou Tese**. Porto Alegre: PUCRS, 2005. Tese (Doutorado em Física), Faculdade de Física, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2005.

AUTOR ou TÍTULO. Local (se houver). Disponível em: <http://crmht.cnrs-orleans.fr/pot/software/libraries/Reflectance-WN.html> . Acesso em: 15 abr. 2008

Para outras formas de referências, seguir o padrão da ABNT. Essas normas estão disponíveis no site da Biblioteca da PUCRS.